

## BOUTEFLIKA

por Mário Soares

Poucas vezes o título genérico destas modestas crónicas se aplica tanto como hoje: "a memória e o tempo". Porque lhes vou falar da Argélia e da recente visita de Estado, ao nosso país, do Presidente Abdelaziz Bouteflika.

A convite do Presidente Sampaio, o Presidente da Argélia veio a Portugal para retribuir a visita daquele à Argélia e incrementar o relacionamento entre os dois Estados do Mediterrâneo Ocidental, uma área do mundo de extrema importância geo-estratégica. A avaliar pelas pessoas que encontrou e pelos variados assuntos que tratou foi uma visita fecunda e vantajosa, nos dois sentidos: um bom contributo para o relançamento de um relacionamento, que radica na geografia e na história, principalmente a contemporânea.

O Presidente Bouteflika lembrou isso. Entre tantas outras coisas, teve tempo para organizar um encontro com os portugueses que estiveram exilados em Argel na época da ditadura salazarista. Evocou o general Humberto Delgado, o "general sem medo", que depois de ter estado alguns meses refugiado na Embaixada Brasileira, foi para o Brasil, pela mão do grande humanista e escritor Álvaro Lins, então embaixador do Brasil em Portugal, fixando-se depois na Argélia, onde presidiu à Junta Patriótica de Libertação Portuguesa. Foi, aliás, recebido, pelo então Presidente Ben Bella, como o verdadeiro Presidente da República portuguesa, que aliás teria sido se não lhe tivessem roubado as eleições. Bouteflika condecorou agora, simbolicamente, passados tantos anos, a viúva do general, D. Iva Delgado, lucidíssima e atenta, no esplendor dos seus 97 anos. Condecorou também Estrela Piteira Santos, a qual, por razões de saúde, não pôde estar presente e, a título póstumo, Manuel Tito de Morais, antigo Presidente da Assembleia da República, então representante em Argel da Acção Socialista Portuguesa e Manuel Alegre o lendário locutor da "Voz da Liberdade", uma voz inconfundível e insubmissa, que emitia de Argel e trazia aos portugueses as notícias da resistência.

O discurso que o Presidente Bouteflika fez, nessa ocasião, aos que chamou seus camaradas e irmãos, foi realmente emocionante. Lembrou também os "companheiros" nacionalistas africanos que auxiliou e conheceu, pessoalmente, nos meses que se seguiram à independência da Argélia, nos começos da década de sessenta: Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Samora Machel, Aristides Pereira, Mário Pinto de Andrade, Pedro Pires, Aquino de Bragança e tantos outros, quando Argel, como dizia Cabral, se tinha transformado na "Meca dos revolucionários de todo o mundo".

Com efeito, durante os mandatos de Ben Bella e, depois, do Presidente Boumediene, Argel foi um "carrefour" onde se cruzaram todos os exilados do mundo, não só de expressão portuguesa - os brasileiros, também, como Miguel Arraes - vindos de todos os continentes. Nesses anos, nunca fui a Argel, apesar dos repetidos convites que me foram feitos, porque não era conveniente fazê-lo sendo, como então era, advogado da família Delgado para a investigação do seu assassinato.

Só lá fui, depois do 25 de Abril, na companhia de Almeida Santos, então ministro da Coordenação Interterritorial, para encontrarmos os nossos interlocutores guineenses - a delegação era chefiada pelo Comte. Pedro Pires, hoje Presidente de Cabo Verde - e acordar na independência da Guiné-Bissau. Um mês e tal depois das primeiras conversações que tinham começado em Londres. Foi então que conheci o sagaz embaixador da Argélia Lakhdar Brahimi em Londres, tão em evidência recentemente nas guerras do Afeganistão e do Iraque. Foi em Argel, enfim, que assinámos o Tratado da independência - a primeira a ser concedida às nossas colónias - numa cerimónia solene a que presidiu o Presidente Boumediene.

Recordei com Bouteflika o momento em que nos conhecemos. Ele lembrava-se bem. Em Nova Iorque, na sede das Nações Unidas, era ele então Presidente da Assembleia Geral e eu, acabado de ser nomeado Ministro dos Negócios Estrangeiros, fui àquele areópago falar, em nome do Portugal livre, para afirmar a vontade do novo Governo - do Presidente português ao tempo, general Costa Gomes e do seu Governo - de cumprir as resoluções das Nações Unidas e iniciar a descolonização. Um acontecimento inesquecível: pela primeira vez um representante de Portugal falava perante uma sala repleta - normalmente esvaziava-se, quando um português subia à tribuna

- atenta e entusiástica. Um mês e tal depois voltaria ao mesmo lugar, para acompanhar o Presidente Costa Gomes, na viagem que fez às Nações Unidas - onde falou, com enorme sucesso - e a Washington. A Casa Branca estava então particularmente curiosa do que se poderia passar em Portugal...

As palavras são como as cerejas. O Presidente Bouteflika não deixou de referir a evolução política complexa dos nossos dois países e a missão especial de observação que presidi à Argélia, no momento difícil para o seu, no final dos anos noventa, por expresso mandato do Secretário-Geral das Nações Unidas, Kofi Annan. Foi então que tive ocasião de conhecer melhor aquele tão belo e rico país e de o percorrer com algum vagar, conversando com os diversos sectores político-militares, com representantes dos partidos e das organizações cívicas da sociedade civil, visitando as cadeias e ouvindo alguns islamistas presos.

Desloquei-me então a Bougie - uma cidade junto ao mar, numa das colinas que precedem as montanhas de Kabília, cuja paisagem lembra, perturbadoramente, o nosso Algarve. Foi aí o lugar de exílio voluntário do nosso Presidente Manuel Teixeira Gomes, diplomata e escritor de rara qualidade, onde morreu, completamente isolado, em 1941, nos tempos difíceis da guerra mundial. Bouteflika não se esqueceu de lembrar Teixeira Gomes e levou mesmo o requinte ao ponto de o condecorar, a título póstumo, sessenta e quatro anos depois da sua morte.

Os laços que unem os dois países têm a ver - e muito - com estas e outras memórias semelhantes, mas também com as exigências do tempo presente, que as fazem reviver. A Argélia é um país extremamente importante do Magreb, com uma situação invejável no Mediterrâneo, rico em petróleo e gás, com um oleoduto que passa por Marrocos e se dirige a Espanha, tendo em tempos havido a ideia de estabelecer um ramal que conduzisse a Portugal. Não sei em que estado de realização está hoje esse projecto. Mas vi-o, vindo através do deserto, do sul do Sahará e fiquei impressionado. É também um país de uma agricultura florescente. Os franceses consideravam a Argélia como um celeiro. E, muitos séculos antes, os romanos também.

Há investimentos cruzados entre Portugal e a Argélia, que são importantes e podem desenvolver-se. Portugal país Atlântico é também mediterrânico, como Orlando Ribeiro, num livro notabilíssimo - e ainda hoje tão actual - nos explicou há longos anos. Em tempos de mundialização neo-liberal, tão difíceis para todos - com a União Europeia mergulhada num "imbróglio" nada fácil de deslaçar - é bom que demos atenção aos nossos vizinhos e amigos, como a Argélia. Por isso considerei a viagem a Portugal do Presidente Bouteflika, para além dos seus aspectos emotivos, tão importante e promissora. Não obstante a pouca atenção que lhe prestou a comunicação social, tantas vezes centrada no acessório e distraída do essencial...

Lisboa 7 de Junho de 2005